Acervo ISA

Avá-canoeiro prefere as águas
Avá-canoeiro prefere o rio
Avá-canoeiro prefere os peixes
Avá-canoeiro prefere remar

Canoa, canoa, *música de Nelson Ângelo e Fernando Brant*

CENA BRASILEIRA

UM PUNHADO DE

LUIZA VILLAMÉA E LEOPOLDO SILVA (FOTOS) – *Minaçu (GO)*

Únicos representantes da novíssima geração avá-canoeiro, os adolescentes Putdjawa e Thrumak honram a sintonia com as águas, cultivada por seus antepassados e propagada pela voz de Milton Nascimento na música *Canoa, canoa*. Mesmo assim, cada vez que os garotos saem para nadar, o resto da tribo não disfarça a inquietação. É que, na luta pela sobrevivência, eles acabaram se afastando das margens dos rios, onde ficavam mais vulneráveis à ação do homem branco. Na reserva dos avás-canoeiros, que se espalha por 38 mil hectares de cerrado no norte de Goiás, sobreviveram apenas seis índios. No final dos anos 60, eles eram pelo menos 150. "Homem chegou e matou tudo com espingarda", lamenta a matriarca Matcha, com 67 anos presumíveis. "Menino e velho, homem cortou cabeça." Junto com outros quatro sobreviventes, Matcha escapou do massacre ao se embrenhar pelo mato. Depois, foram quase 15 anos se escondendo em cavernas da região inóspita, repleta de cascalho, até reencontrar o homem branco, duas décadas atrás. Atualmente, eles vivem no alto de uma montanha, em território demarcado, mas a ameaça de extinção continua. Desta feita, mais do que da espingarda, o perigo vem do isolamento cultural, da dificuldade em procriar e das alterações ambientais que chegam com as grandes obras hidrelétricas.

Acervo ISA

FUTURO Continuidade do grupo depende da garota Putdjawa (*à esq.*) e de seu irmão, Thrumak

BRAVOS

DUAS DÉCADAS DEPOIS DE REENCONTRAR O HOMEM BRANCO, SEIS ÍNDIOS AVÁS-CANOEIROS LUTAM CONTRA A EXTINÇÃO DA ETNIA

Por causa dos tempos em que se esconderam nas cavernas, os avás-canoeiros ganharam fama de ser um povo invisível, pois jamais eram avistados ou deixavam pegadas. "Nem cachorro latia", lembra Reginaldo Gomes da Silva, ex-morador da região. Os posseiros sabiam da presença do grupo porque ferramentas deixadas nas roças sempre desapareciam. Pequenas quantidades de mandioca e de outros alimentos também sumiam das plantações. As raízes, os grãos e as frutas surrupiados no silêncio das noites

enriqueciam as refeições indígenas, que tinham como base carne de morcego e de rato silvestre. No cotidiano, as provas de resistência não se limitavam à conquista do alimento. Dos cinco que escaparam do ataque à aldeia, restaram Matcha, sua irmã Nakwatcha e um integrante de outra família, Iawí, hoje com estimados 42 anos. Meninote, Iawí começou a fuga acompanhado da mãe, posteriormente morta por caçadores. Entre os sobreviventes, havia ainda um homem adulto. Com ele, Matcha teve uma filha,

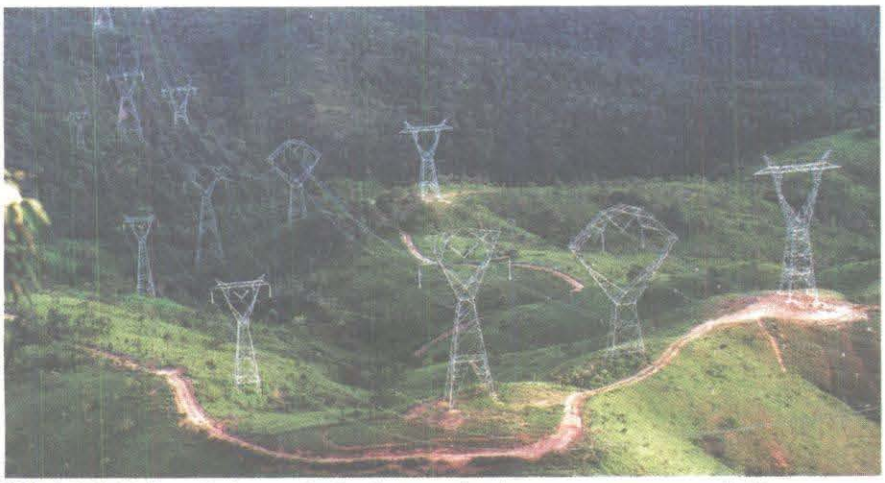
Acervo ISA

Tuia. Em história de índio ninguém sabe determinar datas, mas todos se lembram de que a garota nascida na caverna já sabia andar quando o pai morreu, atacado por uma onça. A partir daí, a preservação da etnia ficou a cargo de Iawí, que se casou com as três mulheres. Com Tuia, teve os filhos Putdjawa e Thrumak.

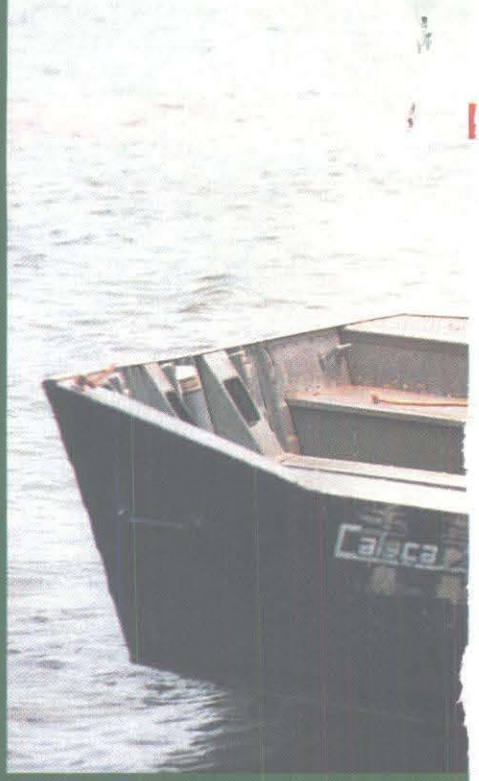
Flechadas – Os adolescentes ainda não tinham nascido quando os boatos sobre a presença de índios isolados se intensificaram nas imediações da Serra da Mesa, a 80 quilômetros do local do massacre. Como os colonizadores do passado, muitos posseiros estavam dispostos a matar os "selvagens", caso um dia topassem com eles. Havia, no entanto, pouca expectativa em encontrá-los. Desde 1946, o governo federal organizava frentes de atração sem nenhum sucesso. Aparentemente, não restavam mais do que lendas sobre a nação que no passado dominara todo o Alto Tocantins e começara a ser exterminada no século XVIII, com a colonização de Goiás. "Eles eram considerados um povo extinto quando provocaram o contato, depois de observar por muito tempo os hábitos dos regionais", afirma a antropóloga Eliana Granado. A aproximação foi feita com o morador Reginaldo, então com 18 anos, que num amanhecer de julho de 1983 seguia por uma trilha no meio do mato. "Quando eles apareceram, notei que não era gente não, era índio mesmo. Estavam todos nus. Contaram muitas histórias que eu não entendia, por causa da língua", relata Reginaldo, que hoje é barqueiro. Depois de quase meia hora de indecisão, ele colocou a espingarda no ombro para retomar seu caminho, mas, à pequena distância, o grupo continuou a segui-lo. "Com a chegada de muitos posseiros, a área de caça deles estava ficando cada vez menor."

Dois dias depois, indigenistas da Funai já desembarcavam no local. De lá para cá, os avás-canoeiros tiveram sua terra demarcada, mas a ameaça de extinção permanece. Em primeiro lugar, porque na época das cavernas eles adquiriram uma espécie de aversão a crianças, sinônimo de estorvo nos momentos de fuga. "Menino faz barulho, suja chão", diz Nakwatcha, que não teve filhos. Por algum motivo que o grupo não revela, a líder Matcha só permitiu o nascimento de Putdjawa e Thrumak. Agora, a continuidade da etnia depende dos adolescentes. Aos 13 anos, Putdjawa teve sua primeira menstruação em dezembro, o que, em outra comunidade indígena, sinalizaria prontidão para o casamento. Três anos mais velho, Thrumak já estaria casado se pertencesse a outra aldeia. "Ainda estou novo", desconversa o garoto.

Em suas tentativas de aproximar o grupo de outros índios, a Funai atua em duas frentes. Numa, promove encontros com sete avás-canoeiros que haviam sido contatados no começo dos anos 70 e, desde então, vivem na Ilha do Bananal (TO), entre cerca de 3.500 índios carajás e javaés. "Melhor não misturar", decretou Matcha desde o primeiro contato. Os avás do Araguaia também não nutrem nenhu-



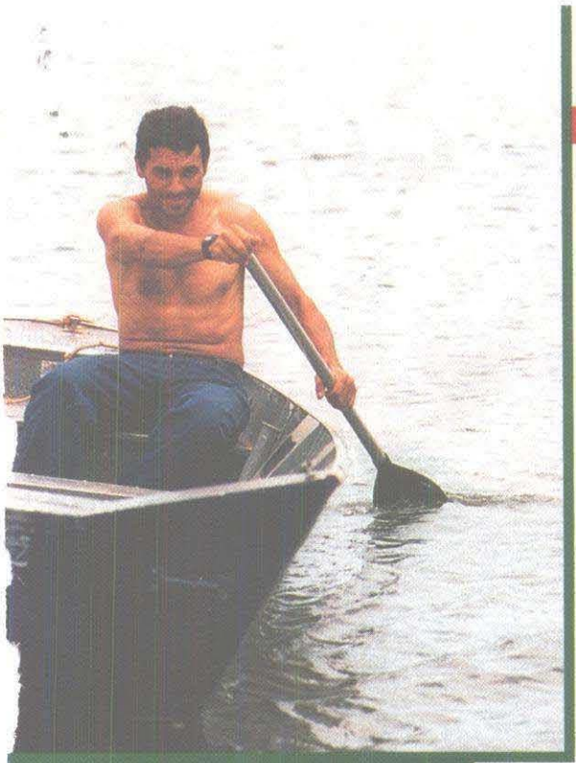
IMPACTO Linhas de transmissão de energia atravessam a reserva indígena



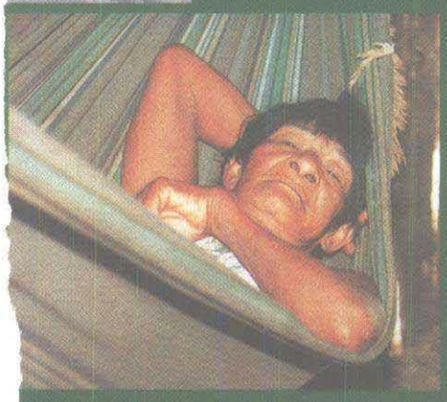
SOBREVIVENTES Iawí (*no sentido horário*), Nakwatcha, Matcha e Tuia pertencem a uma nação que já dominou todo o Alto Tocantins

Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL Documentação
Fonte Isto É
Data 14/5/2003 Pg 46-49
Class. ALR00251



CONTATO Reginaldo (*acima*), que hoje é barqueiro de Furnas, tinha 18 anos quando os índios se aproximaram, nus, sem falar nenhuma palavra em português



ma simpatia especial pelos parentes distantes. Em contrapartida, existe grande afinidade com um povo do Mato Grosso, os tapirapés, que têm trajetória similar à sua. Nos anos 50, os tapirapés não chegavam a 30 índios e pareciam condenados à extinção. Hoje são mais de 500. A esperança dos indigenistas é de que Thrumak e Putdjawa encontrem parceiros entre os tapirapés e, em breve, comecem a repovoar seu território. "Vai ser daqui a um tempo", minimiza Putdjawa.

As questões internas são apenas uma faceta do futuro ameaçado dos avás-canoeiros. As outras são consequência de alterações ambientais provocadas pelo próprio homem. Embora a reserva esteja demarcada, sua homologação depende do acerto de uma série de pendências, a começar pela desocupação total da terra. Seis dos 64 antigos posseiros continuam na área. É o caso de Elmina e Sinval Gonçalves, que criam 110 cabeças de gado em 150 hectares cuja posse era do pai de Elmina, morto há sete anos. De seus dez herdeiros, nove concordaram com o valor da indenização, estimado à época em R$ 22.600. "É que nenhum deles trabalha na terra como nós", reclama Elmina. Devido a impasses como esse e à morosidade da própria Funai, focos de tensão permanecem. "Além de o gado espantar a caça e contaminar as nascentes, a presença dos posseiros abre um péssimo precedente", alerta o indigenista Walter Sanches, chefe do posto local da Funai, que há 12 anos se dedica aos avás-canoeiros. Há poucos meses, os índios atacaram a flechadas quatro bois que atravessaram suas fronteiras, o que provocou um clima de tensão na cidade vizinha, Minaçu. "Chegamos a receber ameaça de morte", afirma Sanches.

Em termos de degradação ambiental, o maior impacto vem da construção de duas hidrelétricas – a de Furnas, concluída em 1996, e a de Canabrava, terminada no ano passado. Através de um convênio, Furnas vem recompensando os prejuízos ecológicos com programas que viabilizam a perpetuação dos avás-canoeiros e a recuperação ambiental. Muitas conquistas, no entanto, só vêm depois de batalhas intensas, em particular no campo judicial. "A represa de Serra da Mesa provocou uma inundação tremenda", comenta a procuradora da República Rosângela Pofahl. "A gente fica tentando salvar o que sobrou." Mas, com relação a Furnas, a aprovação das obras pelo menos passou pelo Congresso Nacional, como manda a lei. Das cinco linhas de transmissão de energia previstas pelo acordo, três já estão prontas. "A usina incidiu em 10% das terras indígenas e as ações de compensação que desenvolvemos se estendem às linhas transmissoras", diz a bióloga Norma Villela, do Departamento de Meio Ambiente de Furnas.

Corredeiras – Ocorre, porém, que a Funai autorizou outras empresas a construir mais duas linhas de transmissão de energia sem estabelecer nenhuma contrapartida para o impacto ecológico. Quanto à usina de Canabrava, depois de longos debates com o Ministério Público, a empresa responsável pelo empreendimento, a Tractebel, concordou em "discutir ações compensatórias", mas a instituição encarregada de defender os direitos dos índios ainda não deu prosseguimento ao acordo. O antropólogo Hélcio de Souza, que acaba de assumir o comando do Depima, o departamento que cuida do patrimônio e do meio ambiente da Funai, reconhece a gravidade do problema. "Uma das prioridades da nova gestão será encontrar soluções de longo prazo para pendências nas reservas afetadas por grandes empreendimentos", garante Souza. Os avás-canoeiros estão na expectativa. Um dos reflexos da usina de Canabrava em seu território foi a transformação de um rio de corredeiras, impossível de navegar, em um lago que possibilita a entrada de estranhos por via fluvial. Não é à toa que Thrumak, percussionista nato, oscila entre dois desejos para o futuro. Em um deles, é a estrela de um show no Rio de Janeiro. No outro sonho adolescente, Thrumak vira polícia, com revólver na cintura e poder para "expulsar garimpeiros, caçadores e pescadores que invadem nossa terra". ■